



## Grupo de Estudos sobre Universidade (GEU): a constituição de uma rede de pesquisa

*Egeslaine de Nez*

Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT  
Campus Universitário do Araguaia – CUA, Brasil

*Luciane Spanhol Bordignon*

Universidade de Passo Fundo – UPF, Brasil

*Richéle Timm dos Passos da Silva*

Universidade Federal de Pelotas – UFPel, Brasil

### RESUMO

As reflexões que constituem esse trabalho emergiram de experiências vividas na condição de membros participantes do Grupo de Estudos sobre a Universidade (GEU) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E, enquanto coordenadoras locais nos respectivos espaços do GEU da Universidade de Passo Fundo (GEU/UPF) e do grupo na Universidade do Estado de Mato Grosso e Universidade Federal de Mato Grosso (GEU/Unemat/UFMT). Nesta direção, este estudo objetiva identificar a composição de rede de pesquisas em contextos emergentes da Educação Superior nacional e internacional. Os grupos de pesquisa são uma realidade materializada em algumas universidades, visto que possibilitam a construção do conhecimento institucionalizado. Cada um dos grupos do GEU são catalisadores de oportunidades que revigoram a missão das universidades, com a formação de novas gerações de pesquisadores; ao compromisso profissional, no que tange à formação de novos profissionais da Educação Superior (formadores dos formadores); e, ao compromisso institucional com a comunidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Universidade. Pesquisa. Redes. Grupos.

### STUDY GROUP ON UNIVERSITY (GEU): THE ESTABLISHMENT OF A RESEARCH NETWORK

### ABSTRACT

The reflections that constitute this work emerged from experiences lived as members of the Group of Studies on the University (GEU) at the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS). And, as local coordinators in the GEU spaces of the University of Passo Fundo (GEU/UPF) and the group at the State University of Mato Grosso and the Federal University of Mato Grosso (GEU/Unemat/UFMT). In this direction, this study aims to identify the composition of research networks in emerging contexts of national and international higher education. The research groups are a materialized reality in some universities, since they make possible the construction of the institutionalized knowledge. Each of the GEU groups are catalysts of opportunities that reinvigorate the mission of universities, with the formation of

new generations of researchers; to the professional commitment, regarding the formation of new professionals of Higher Education (trainers of the trainers); and institutional commitment to the community.

**KEYWORDS:** University. Search. Networks. Groups.

## **GRUPO DE ESTUDIOS SOBRE UNIVERSIDAD (GEU): LA CREACIÓN DE UNA RED DE INVESTIGACIÓN**

### **RESUMEN**

Las reflexiones que constituyen ese trabajo surgieron de experiencias vividas en la condición de miembros participantes del Grupo de Estudios sobre la Universidad (GEU) en la Universidad Federal de Rio Grande do Sul (UFRGS). Y, como coordinadoras locales en los respectivos espacios del GEU de la Universidad de Passo Fundo (GEU/UPF) y del grupo en la Universidad del Estado de Mato Grosso y la Universidad Federal de Mato Grosso (GEU/Unemat/UFMT). En esta dirección, este estudio objetiva identificar la composición de red de investigaciones en contextos emergentes de la Educación Superior nacional e internacional. Los grupos de investigación son una realidad materializada en algunas universidades, ya que posibilitan la construcción del conocimiento institucionalizado. Cada uno de los grupos del GEU son catalizadores de oportunidades que revigorizan la misión de las universidades, con la formación de nuevas generaciones de investigadores; al compromiso profesional, en lo que se refiere a la formación de nuevos profesionales de la Educación Superior (formadores de los formadores); y al compromiso institucional con la comunidad.

**PALABRAS CLAVE:** Universidad. Investigación. Redes. Grupos.

### **1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

As reflexões que constituem esse trabalho emergiram de experiências vividas na condição de membros participantes do Grupo de Estudos sobre a Universidade (GEU) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Além disso, enquanto coordenadoras locais nos respectivos espaços do GEU da Universidade de Passo Fundo (GEU/UPF) e do grupo na Universidade do Estado de Mato Grosso e Universidade Federal de Mato Grosso (GEU/Unemat/UFMT).

A justificativa para a discussão pretendida se ampara na importância que os grupos de pesquisa possuem no processo de construção e socialização do conhecimento, entendendo o grupo e a rede como um desses espaços. Isto porque a existência de espaços coletivos, produtores de ciência, são impulsionadores das investigações no espaço acadêmico. Franco e Morosini (2001) esclarecem que os grupos de pesquisa são uma realidade materializada em algumas universidades brasileiras, visto que possibilitam a construção do conhecimento institucionalizado.

Nesta direção, este estudo objetiva identificar a composição de rede de pesquisas em contextos emergentes da Educação Superior nacional e internacional. Os grupos de pesquisa são uma realidade materializada em algumas universidades brasileiras, visto que possibilitam a construção do conhecimento institucionalizado. Os procedimentos metodológicos dessa investigação se baseiam no levantamento bibliográfico acerca da temática analisada; além de coleta de dados por meio das informações socializadas pelos membros dos subgrupos em entrevista informal.

É imprescindível ressaltar que o GEU/UFRGS nasceu em 1988, tem essa potencialidade e a finalidade de seus estudos caminha no sentido de analisar os sistemas de Educação Superior e suas transformações, bem como suas políticas de ciência e tecnologia, na perspectiva do desenvolvimento institucional (GEU, 2019).

Deste modo, traça o perfil dos grupos de pesquisa em relação à origem, identidade, continuidade, configuração e compreende o seu processo de institucionalização na articulação política e sua corporificação na universidade. Sua trajetória histórica e constitutiva de uma rede se consolida na produção de saberes, agregando pesquisadores com percursos mais longos na pesquisa e iniciantes constituindo, desta forma, experiências nos processos de formação e na constituição de pesquisadores.

Cada um dos outros grupos do GEU são catalisadores de novas oportunidades de revigorar os compromissos das universidades que estão associados ao compromisso acadêmico, com a formação de novas gerações de pesquisadores; ao compromisso profissional, no que tange à formação de novos profissionais da Educação Superior (formadores dos formadores); e, ao compromisso institucional com a comunidade no seu entorno.

Este artigo está dividido em quatro partes, sendo a primeira, as considerações iniciais; seguida de dois tópicos que abordam a fundamentação teórica e os conceitos de grupo e rede, juntamente com o histórico e a composição do GEU; e, ao final, as conclusões do estudo são sinalizadas.

## **2 GRUPO E REDES DE PESQUISA: BASE TEÓRICA**

A referência à pesquisa, neste texto será na perspectiva de uma atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade. Esse arquétipo vem da “Universidade Moderna [que] nasce com o desenvolvimento do Iluminismo Europeu, especialmente o alemão” (ROSSATO, 2006, p. 81).

Segundo Morosini (2006, p. 228), o Modelo Alemão Humboldtiano tem como “concepção de instituição de Educação Superior fundamentada na ciência, ou seja, na produção do saber”, trata-se da Universidade concebida por Karl Wilhelm Von Humboldt (1767-1835) considerado um dos fundadores da Universidade Moderna.

Oliveira acrescenta que essa “concepção da Universidade proposta na Alemanha por K. Jaspers, um dos representantes intelectuais das ideias concebidas por Wilhelm Von Humboldt na primeira década do século XIX, tem como finalidade a aspiração da humanidade à verdade” (2010, p. 4). Assim, a Universidade de Berlim (1809) é reconhecida como primeira instituição a assumir as características da modernidade ao instituir-se como “uma comunidade de pesquisadores que buscam a verdade nos diversos campos da ciência e do conhecimento” (ROSSATO, 2006, p. 81).

Idealizada a partir da visão de Fichte, Schleiermacher e Humboldt, a Universidade alemã torna-se a primeira Universidade a definir como “essencial a geração do conhecimento pela pesquisa, característica que será posteriormente incorporada pela Universidade em nível mundial como elemento indispensável para sua constituição e reconhecimento internacional” (ROSSATO, 2006, p. 81).

Silva (2013) dentro dessa concepção reforça a ideia de Universidade como o local de descoberta da verdade e do reconhecimento da necessidade da pesquisa científica. Rossato (2006) também enfatiza que esse modelo exercerá profunda influência em todo o Ocidente, contribuindo decisivamente para mudar os rumos da Universidade no início do século XIX e marcando ainda a instituição, em pleno século XXI.

Conforme Severino (2009), no atual momento cabe o debate sobre o sentido de uma Universidade que, “funcionária do conhecimento, pudesse colocá-lo a serviço da sociedade [...] comprometida com o conhecimento, ela o será também, por decorrência, com a extensão e a pesquisa, tanto com o ensino” (p. 254).

Para Sousa Santos (2008), “o conhecimento científico produzido nas Universidades ou instituições separadas das Universidades, mas detentoras do mesmo *ethos* universitário” (p.41) tiveram, no decorrer do século XX, uma predominância “disciplinar cuja autonomia impôs um processo de produção relativamente descontextualizado em relação às premências do cotidiano das sociedades” (p. 41).

No Brasil, a atividade de pesquisa que se dá em instituição universitária tal qual como hoje se conhece, pode ser considerada recente. Goergen (1986) recupera elementos da trajetória

da pesquisa educacional a partir de fontes publicadas ao longo das décadas de 70 e 80<sup>1</sup>. Por isso, destaca como elementos históricos da sua instituição, a criação do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), no ano de 1938, esclarecendo que “a fase então inaugurada, e que se estenderia por toda a década de quarenta e grande parte da década subsequente, caracterizou-se pelos estudos de natureza predominantemente psicológico-pedagógicos” (p. 4).

Posterior a criação do INEP, Goergen (1986) expressa que houve a composição do Centro Brasileiro e dos Centros Regionais de Pesquisa, em 1956. Em sendo desta forma, as pesquisas passaram do psicopedagógico para estudos de natureza sociológica. Durante os anos de 1964 a 1971, “predominam estudos de natureza econômica, incentivados por órgãos federais e internacionais de financiamento” (p. 4). Goergen (1986) salienta ainda a implantação dos cursos de pós-graduação, como um dado relevante tanto para se entender o crescimento do volume de pesquisas, quanto para explicar a diversificação metodológica e de conteúdo registrada desde então nas atividades de pesquisa.

Morosini (2009) também auxilia na compreensão sobre essa fase de instauração da atividade da pesquisa no Brasil a qual se dá a partir 1950 onde “se tornam nítidas as estratégias de formação de condições promotoras da pesquisa na Universidade brasileira norteadas pelo espírito nacionalista e de superação da dependência econômica do país” (p. 127).

Em 1951 é criado o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Fundação de Capacitação de Pessoal de Nível Superior (CAPES), importantes agências que interferem no cenário da pesquisa, incluindo-se a questão do financiamento dos projetos de pesquisa (MOROSINI, 2009).

A CAPES é o órgão responsável pela elaboração de Planos Nacional de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, *locus* considerado espaço da formação de pesquisadores. Desempenha papel fundamental na expansão e consolidação da pós-graduação (mestrado e doutorado) em todos os estados da Federação. Em 2007, passou também a atuar na formação de professores da Educação Básica ampliando o alcance de suas ações na formação de pessoal qualificado no Brasil e no exterior. (BRASIL, 2019b).

O CNPq é uma agência do Ministério da Ciência e Tecnologia destinada ao fomento da pesquisa científica e tecnológica e à formação de recursos humanos para a pesquisa. Sua história está diretamente ligada ao desenvolvimento científico e tecnológico do Brasil contemporâneo sua principal atribuição é coordenar e estimular a pesquisa científica no país (CNPq, 2012).

---

<sup>1</sup> Este autor baseia-se a partir dos estudos de Cunha (1986 e 2000), Saviani (1984) e Gatti (1982, 2001 e 2007).

A reforma universitária de 1968 apresenta o modelo humboldtiano que normatiza a Universidade como concepção de produção de conhecimento-pesquisa indissociável ao ensino. É a partir desta reforma que o “modelo de Instituição de Educação Superior passa a ser a universidade e esta é definida como a instituição produtora de conhecimento, via pesquisa” (MOROSINI, 2009, p. 128) no Brasil.

A criação do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC)<sup>2</sup>, em 1985, também necessita ser apresentada neste texto visto que imprime definições, concepções e metas sobre o que é pesquisar, como pesquisar, o quê, para quem e por que se pesquisar. Segundo Morosini (2009) sua criação teve como objetivo,

[...] adequar a pesquisa de C&T às necessidades sócio-econômicas e as condições físicas e ambientais do Brasil; fomentar a geração de conhecimento e técnicas, promovendo sua utilização e difusão no sistema produtivo e na sociedade; iniciar amplo debate para definição de prioridades; e conseguir maiores recursos para a pesquisa (p. 134).

Hoje, para desenvolver suas atividades, o Ministério conta com unidades de pesquisa, entidades vinculadas e organizações sociais que tem como finalidade garantir e promover o avanço da ciência, tecnologia, inovação e comunicações visando o desenvolvimento sustentável e a melhoria da qualidade de vida da sociedade brasileira. Desta forma, vem “[...] expandindo o leque de contribuições do órgão na entrega de serviços públicos relevantes para o desenvolvimento do país” (BRASIL, 2019a).

Outros elementos importantes quando se trata do cenário da pesquisa universitária, é o panorama operacional e seu conjunto vocabular utilizado pelos órgãos que regulam e direcionam a produção, o financiamento e de certa maneira a impulsionam. Assim, é conveniente destacar os conceitos de grupo, líder de grupo e redes de pesquisa.

Quanto ao conceito de grupo de pesquisa tem-se que é “um conjunto de indivíduos organizados hierarquicamente em torno de uma ou, eventualmente, duas lideranças” (CNPQ, 2012, p. 01). O que define a hierarquia é a experiência, o destaque e a liderança no terreno científico ou tecnológico. Esses indivíduos organizados são um grupo de pesquisadores, estudantes e pessoal de apoio técnico.

Mocelin e Franco (2006) estabelecem que é o elemento organizador, definido como a unidade de produção constituída por pesquisadores líderes, seniores e assistentes, acadêmicos

---

<sup>2</sup> A partir do governo Lula o sistema de ciência e tecnologia “se diversificou e houve uma crescente incorporação do conceito de *inovação* na agenda do setor empresarial e na política de fomento à pesquisa dos governos federal e estadual” (MOROSINI, 2009, p. 134) [grifo da autora]. Atualmente, o governo de Bolsonaro deu novo formato ao ministério e incluiu as questões de comunicação passando a denominar-se Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicação (MCTI).

(doutorado e mestrado) e por bolsistas (iniciação científica), além dos técnicos que organizam investigações articuladas em suas linhas de pesquisa.

Menezes (2000) sinaliza que a unidade de produção acadêmica e de formação pós-graduada não é um doutor isolado, mas, um grupo de pesquisadores, que se consolida ao longo dos anos, e que inclui entre seus participantes não só docentes, mas também acadêmicos e colaboradores diversos.

Para o CNPq (2012, p. 01), o pesquisador líder de grupo é o “personagem que detém a liderança acadêmica e intelectual naquele ambiente de pesquisa. Normalmente, tem a responsabilidade de coordenação e planejamento dos trabalhos de pesquisa do grupo”.

A função da liderança do grupo é aglutinar esforços dos demais pesquisadores e apontar horizontes com fins de pesquisas e novas áreas de atuação dos trabalhos. O CNPq não exige titulação mínima para ser líder. No entanto, o grupo cujo líder não é doutor é considerado atípico no Diretório.

As informações referentes aos conceitos apresentados são armazenadas e disponibilizadas numa base de dados denominado Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil (DGPB). Essa base de dados foi desenvolvida no CNPq em ação conjunta com o MCTIC e desde 1992, contém informações num caráter censitário. O objetivo da criação do diretório foi o “estabelecimento de um sistema de informações sobre a pesquisa científica e tecnológica pretendendo fornecer um mapeamento periódico da organização e trajetória da pesquisa no País” (CNPQ, 2012, p. 01).

Conforme Mocelin e Franco (2006) é consenso entre os pesquisadores que a maneira como os grupos de pesquisadores organizam as atividades científicas ao longo dos últimos anos, tem apresentado profundas transformações. Fica evidente que a organização das atividades de produção de pesquisa na Universidade tem ocorrido a partir de grupos de pesquisa instituídos como instâncias de produção de pesquisa, as quais aproximam os pesquisadores por temáticas, superando estruturas rígidas, formalmente estabelecidas.

Essa intenção de criação de grupos decorre da ideia de que a produção de conhecimentos deve ser um trabalho coletivo, realizado em redes. Nesse estudo, parte-se da proposta de Nez (2014) que as redes articulam os pesquisadores e podem auxiliar no aprofundamento das relações entre os indivíduos, possibilitando o desenvolvimento de conhecimento crítico para a construção de uma universidade de inovação com pertinência social. Mocelin e Franco (2006) salientam que os grupos podem transcender a funcionalidade da produção de reflexões para se colocar no patamar de espaços de formação da nova geração de investigadores.

Segundo Ramos (2009) os grupos passam cada vez mais a fazer sentido, porque “[...] como espaços de produção de pesquisa na universidade, possibilitam a aproximação dos indivíduos por temáticas, superando estruturas rígidas” (p. 29). Para Franco e Morosini (2001) pensar os grupos de pesquisa como espaços de investigação implica considerar os reflexos dessas atividades na universidade, e, consecutivamente na formação docente.

As redes têm sido formuladas a partir de diferentes metáforas que remetem a inter-relações, associações encadeadas, interações, que envolvem relações de comunicação e/ou intercâmbio (NEZ, 2014). Segundo Santos (2006), são ao mesmo tempo concentradoras e dispersoras, além de condutoras de forças centrípetas e centrífugas. “O fato de que a rede é global e local, una e múltipla, estável e dinâmica, faz com que a sua realidade, vista num movimento de conjunto, revele a superposição de vários sistemas lógicos, a mistura de várias racionalidades” (p. 189).

No Espaço de Encontro Latino-americano e Caribenho de Educação Superior (Enlaces) tem como finalidade estimular a cooperação acadêmica entre as diferentes instituições e organizações de Educação Superior, e como objetivo fomentar o intercâmbio afim de criar alianças. É uma plataforma de diálogo regional, que concretiza a cooperação acadêmica entre os países da América Latina. Neste contexto, as redes de pesquisa se constituem de organizações, instituições ou associações internacionais que formam um conjunto integrado inter-relacionadas entre si de maneira permanente, multidirecional, horizontal e autônoma (ENLACES, 2012).

Lima e Leite (2012) também consideram que as redes se formam no interior dos grupos quando há produção conjunta, e se originam também externamente com pesquisadores de outras Instituições de Educação Superior (IES). Há uma aproximação formando redes de colaboração, de co-autorias, de citação, de formação, de orientação e de parcerias (nacionais e internacionais) que podem ser institucionalizadas. Esse é o movimento que os pesquisadores das universidades em geral precisam fazer, pois, o que move tanto as redes quanto os grupos é a pesquisa.

Leite (2005) esclarece que as teias das redes se constroem e reconstroem em infundáveis arranjos, frágeis e efêmeros, aumentando sua capacidade de ser visível e de implantar-se em diferentes contextos, amplia-se e desdobra-se continuamente. Há, pois, uma “polifonia de vozes” formadas por múltiplos sujeitos, elementos esses considerados os constructos das redes. As definições e conceituações se multiplicam, mas pode-se admitir que quase todas se enquadram na matriz epistemológica da integração. É válido salientar que a CMES (2009) também havia realçado a importância fundamental da cooperação. “Neste



processo destaca-se o papel das redes internacionais de universidades e suas iniciativas conjuntas de pesquisa e os intercâmbios de alunos e docentes” (TORRES, 2011).

Nesta direção, Nez (2014) sustenta que nessas redes, seriam respaldados o respeito ao pesquisador e paralelamente, a construção coletiva de investigações, gerando uma cultura institucional e interinstitucional. Parte-se do pressuposto de que as redes que se estabelecem através dos grupos, são estratégias que emergem com a intencionalidade da produção da pesquisa, e satisfazem aos princípios da integração e das parcerias. Não é apenas um pesquisador isolado, mas a associação em redes que pode reconfigurar a dinâmica da realização da pesquisa nas universidades de um modo geral.

### **3 GEU: O GRUPO E A REDE**

O GEU/UFRGS teve sua origem na pesquisa "Rediscutindo a questão de articulação entre graduação e pós-graduação". As Pró-Reitorias de Pesquisa e Pós-Graduação e de Graduação da UFRGS, preocupadas com o distanciamento existente entre esses níveis decidiram realizar um estudo sobre o tema.

Um grupo de professores do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) foi convidado para realizar uma pesquisa para identificar as modalidades de articulação entre os cursos, as mediações existentes entre a ação docente e a administrativa e apresentar subsídios para a implementação de novas ações institucionais. No decorrer da pesquisa, a equipe ampliou-se com a incorporação de outros docentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da mesma instituição (GEU/UFRGS, 2019).

Neste íterim, foi gestado e criado em 1988, em 1995, desdobrou-se no GEU (PPG Sociologia) e GEU/Edu/Ipesq (Inovação e Pesquisa/PPG Educação), ambos na UFRGS. É imprescindível, inicialmente, ressaltar que o grupo esteve vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEdu), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que tem uma de suas linhas de estudos intitulada: “Universidade: Teoria e Prática”. O objeto de estudo da linha são as funções da universidade na perspectiva sócio-histórico-política e suas dimensões e inter-relações macro e micro-institucionais, que caracterizam e sustentam seus processos de formação educativa e decisão pedagógica.

**Figura 01** – Site do GEU/UFRGS



**Fonte:** [http://www.ufrgs.br/geu/index.php?formulario=rede\\_geu\\_ipesq&metodo=0&id=1](http://www.ufrgs.br/geu/index.php?formulario=rede_geu_ipesq&metodo=0&id=1). Acesso em: 23 jun. 2019.

Nesta linha, o GEU/UFRGS é um dos mais antigos grupos de estudos desta instituição e tem como objetivo a análise dos sistemas de Educação Superior e suas transformações, assim como suas políticas de ciência e tecnologia, na perspectiva do desenvolvimento institucional. Dentro do GEU, um dos subgrupos mais ativo é o GEU/Edu/Ipesq - “Universidade, pesquisa e inovação”, que traça o perfil dos grupos de pesquisa em relação à origem, identidade, continuidade, configuração e compreende o seu processo de institucionalização na articulação política e sua corporificação na universidade. Além disso, se preocupa em captar e compreender suas especificidades desdobradas na complexidade da universidade incluída a diversidade de natureza, desvelando articulações entre a institucionalização de grupos e as mediações para a pesquisa (NEZ, 2014).

Posteriormente, foram também implementados dois grupos em IES no interior do RS: GEU/UPF e GEU/Universidade Federal de Pelotas (FRANCO, LONGHI e RAMOS, 2009). No ano de 2012, foi instituído o GEU/Unemat/UFMT, um grupo multicampi interinstitucional, alargando o espaço de atuação da rede, alçando vôos em estados diferentes (NEZ, 2014).

Figura 2 – Site do GEU/Unemat/UFRGS



Fonte: <http://www2.unemat.br/geu/>. Acesso em: 23 jun. 2019.

Outras instituições que estão presentes no Estado do Paraná e Santa Catarina se articulam e participam do grupo. O GEU/UFRGS também está vinculado à Rede Universitatis-BR<sup>3</sup> e à Rede Sulbrasileira de Investigadores de Educação Superior (RIES)<sup>4</sup>. O quadro que segue apresenta a linha cronológica e formativa do grupo:

<sup>3</sup> Caracteriza-se como uma rede acadêmica que conta com pesquisadores de Universidades e de diferentes IES de todas as regiões do país, visando à pesquisa e à interlocução entre pares que têm em comum a área do conhecimento “Políticas de Educação Superior”. A Rede congrega pesquisadores do Grupo de Trabalho (GT 11) – Política de Educação Superior da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) e de várias instituições do país. Nasceu e se estruturou desde o início dos anos 1990 a partir de projetos acadêmicos de pesquisa integrados, o que resulta em seminários, publicações, formação de grupos e núcleos, instituição de linhas de estudos em programas de pós-graduação e formação de estudantes no âmbito da iniciação científica e dos cursos de mestrado, doutorado e pós-doutorado (REDE UNIVERSITAS, 2019).

<sup>4</sup> Em 1998, um grupo de professoras-investigadoras de diferentes IES do RS, envolvidas com a temática da Educação Superior, iniciou as discussões e a sistematização de algumas ações, aceitando o desafio de construir uma caminhada coletiva. Consequentemente, em setembro de 1999, organizaram o I Simpósio de Educação Superior. Desde então vem realizando eventos de formação docente com temática relacionadas ao seu objeto de estudo, reunindo professores de educação superior, pesquisadores e alunos de programas de pós-graduação (RIES, 2019).

**Quadro 1-** Rede GEU

<b>ANO DE CRIAÇÃO</b>	<b>NOME DO GEU</b>	<b>INSTITUIÇÃO</b>	<b>LINHAS DE PESQUISA</b>
1988	GEU/ Sociologia	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Educação Superior no Brasil</li> <li>• Desigualdade, diversidade e reconhecimento na Educação: novos públicos da escolarização média e superior (2017-2020)</li> <li>• Educação Superior e Socialização</li> <li>• Políticas de Inclusão Social no Ensino Superior no Brasil: políticas de redistribuição de oportunidades?</li> <li>• Sistemas de Ensino Superior ante os desafios da internacionalização e da excelência</li> <li>• Sistemas Universitários: uma visão comparada de diferentes países</li> <li>• Sociedade, Ciência, Tecnologia e Inovação</li> <li>• Transformações do Ensino Superior: Políticas de Reforma e Respostas Institucionais.</li> </ul>
1988	GEU/ Ipesq/ Edu/ UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Educação Superior, Conhecimento e Processos Formativos</li> <li>• Educação Superior, Pedagogia e Mudança</li> <li>• Sistemas de Educação Superior comparados</li> </ul>
2000	GEU/ UPF	Universidade de Passo Fundo	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Políticas Educacionais: Educação Superior</li> <li>• Políticas Educacionais: Universidade e Educação Básica</li> </ul>
2002	GEU/ UFSM	Universidade Federal de Santa Maria	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Educação superior: gestão, governança corporativa e avaliação</li> <li>• Gestão, docência e inovação da Educação Superior</li> <li>• Internacionalização, políticas educacionais e instituições de ensino superior</li> <li>• Universidades e Práticas Sociais</li> </ul>
2002	GEU/ Ipesq/ UFPEL	Universidade Federal de Pelotas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Universidade e Pesquisa</li> </ul>
2012	GEU/ Unemat/ UFMT	Universidade do Estado de Mato Grosso e Universidade Federal de Mato Grosso	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Formação de Professores e Práticas Pedagógicas</li> <li>• Políticas e Gestão da Educação Superior</li> </ul>
2014	GEU/ UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Direitos Humanos, Educação Superior, Políticas de Inclusão, Legislação e Disputa Jurídica</li> <li>• Educação Superior e Desenvolvimento Socioeconômico</li> <li>• Estado, Direitos Sociais e Políticas Públicas para a Educação Superior</li> <li>• Formação e Processos Educativos</li> </ul>
2015	GEU/ UTFPR	Universidade Tecnológica Federal do Paraná	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Formação de professores: desafios contemporâneos</li> <li>• Universidade: desafios contemporâneos</li> </ul>

Fonte: Bordignon, Nez e Silva (2019).

Hoje, é uma rede consolidada de estudos e de pesquisa, registrada no Diretório dos Grupos de Pesquisa (CNPq). A sua missão exitosa tem sido a de criar oportunidades para formação, reflexão, produção do saber, inovação, divulgação do conhecimento e para o aprimoramento das políticas voltadas a Educação Superior.

Exatamente por isso, seu trabalho envolve a orientação de alunos de iniciação científica, de graduandos, mestrandos e doutorandos. Também desenvolve pesquisas em parceria com pesquisadores nacionais e internacionais e seus membros têm participação ativa em associações e eventos nacionais e internacionais. As investigações desenvolvidas pelo grupo, ao longo dos anos, têm contado com o apoio institucional da Pró-reitoria de Pesquisa (PROPESQ/UFRGS) e de agências de fomento CNPq, CAPES, Fundação Ford, Fundação Carolina, FULBRIGHT, fundações de amparo a pesquisa estaduais (FAP) entre outras instituições de financiamento de investigações.

A participação no GEU representa experiências, que segundo Larrosa (2011) constitui-se como *isso que me passa*. O saber para a experiência deve ceder o lugar também à sensibilidade e que, esteja atravessado de alteridade, alterado e alterável. Corroborando Tardif (2007) ao evidenciar que “a riqueza e a pluralidade do saber da experiência residem no fato de que a experiência envolve vários conhecimentos e um saber-fazer que são mobilizados e utilizados em função dos contextos variáveis e contingentes da prática profissional (p. 109). A participação implica em tomar parte, ser parte.

Segundo Demo (1993) “significa redistribuir bens e poder, desta forma, a necessidade de um poder central é reconhecida, e há a necessidade de democratizar o poder, não de eliminá-lo” (p. 137). Neste sentido, a participação é conquistada, no sentido de um processo histórico infundável, em constante vir-a-ser, sempre se fazendo.

Além da participação, a produção científica do grupo está amplamente divulgada em livros, periódicos, eventos nacionais e internacionais. Sua trajetória acompanha a dinâmica do campo da Educação Superior com toda sua complexidade e com todos os seus paradoxos, no Brasil, tanto quanto, no cenário internacional. Se destaca pela *expertise* adquirida ao tratar deste campo de pesquisa, explorando e incorporando, constantemente, novos temas e objetos de estudo e pela sua capacidade de estimular o esforço de produção de conhecimento, numa perspectiva interdisciplinar, interinstitucional e comparativa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A função da universidade é uma função única e exclusiva. Não se trata somente de difundir conhecimentos. O livro também os difunde. Não se trata, somente, de conservar a experiência humana. O livro também a conserva. Não se trata, somente, de preparar práticos ou profissionais, de ofícios ou artes. A aprendizagem direta os prepara, ou, em último caso, escolas muito mais singelas do que universidades. Trata-se de manter uma atmosfera de saber para se preparar o homem que o serve e o desenvolve. Trata-se de conservar o saber vivo e não morto, nos livros ou no empirismo das práticas não intelectualizadas. Trata-se de *formular intelectualmente a experiência humana, sempre renovada, para que a mesma se torne consciente e progressiva* (TEIXEIRA, 1998, p. 35 – grifo nosso).

As redes de pesquisa podem ser um potencial articulador global de novas formas de pensar, produzir e divulgar conhecimentos antes considerados ausentes nos/dos centros de pesquisa e assim fomentar uma discussão sobre que conhecimentos produzimos e para que sociedade. Além disso, funcionam como catalisadores do processo de construção de saberes pedagógicos nos espaços universitários.

Propor alternativas para se considerar a produção do conhecimento, para se produzir ciência e considerar a pesquisa científica que auxilie o desenvolvimento do local ao global numa perspectiva integradora dos diferentes grupos de pesquisa é um desafio dos atuais pesquisadores.

A reflexão sobre a participação na Rede GEU e coordenadores locais como experiência, abordada neste estudo, exprime a constituição do ser pesquisador. Reitera-se neste sentido, a interação dialógica estabelecida por meio do grupo e da rede que analisa, discute e equaciona as diferentes questões, possibilidades e desafios da Educação Superior, promovendo a contextualização da realidade e a transformação da universidade e dos pesquisadores em seu processo formativo.

A experiência de participação efetiva nesse espaço do GEU tangencia a possibilidade de “re”produção nas coordenações locais, tanto de oportunidades profissionais (contatos), quanto de crescimento pessoal (conhecimentos), que se transformam em *lócus* de desenvolvimento profissional, visto que habilita os membros dos grupos locais para uma série de situações que exigem qualificação e disposição para a pesquisa.

A trajetória da Rede GEU se consolida na produção de saberes, agregando pesquisadores com percursos mais longos na pesquisa e iniciantes constituindo, desta forma, experiências nos processos de formação e na constituição de pesquisadores. Nesta perspectiva, a Rede GEU

revigora os compromissos das universidades que segundo Bordignon (2014) estão associados ao compromisso acadêmico, com a formação de novas gerações; ao compromisso profissional, no que tange à formação de novos profissionais, e ao compromisso institucional, com a comunidade no seu entorno.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. *Ministério da ciência, tecnologia, inovação e comunicação*. (MCTIC). Disponível em: <http://www.mctic.gov.br/mctic/opencms/institucional/paginaInstitucional.html> Acesso em: 29 abril 2019a.

\_\_\_\_\_. *Coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior*. (CAPES). Disponível em: <https://www.capes.gov.br/historia-e-missao> Acesso em: 29 abril 2019b.

BORDIGNON, Luciane Bordignon. *A pós-graduação como interlocutora das relações universidade e comunidade*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2014.

CNPq. *Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico*. Disponível em: <http://www.cnpq.br/cnpq/index.htm>. Acesso em: 20 mar. 2012.

CUNHA, Luiz Antônio. *A universidade temporã: da colônia à era de Vargas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1986.

\_\_\_\_\_. *Ensino superior e universidade no Brasil*. LOPES, Eliana Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive. *500 anos de educação no Brasil*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

DEMO, Pedro. *Pobreza política*. São Paulo: Autores associados, 1993. Disponível em: [http://iesalc.unesco.org.ve/index.php?option=com\\_content&view=frontpage&Itemid=303](http://iesalc.unesco.org.ve/index.php?option=com_content&view=frontpage&Itemid=303). Acesso em: 03 nov. 2012.

FRANCO, Maria Estela Dal Pai; LONGHI, Solange Maria; RAMOS, Maria das Graças. (Orgs.). *Universidade e pesquisa: espaços de produção do conhecimento*. Pelotas: UFPel, 2009.

\_\_\_\_\_.; MOROSINI, Marília Costa (Orgs.) *Redes acadêmicas e produção do conhecimento em educação superior*. Brasília: Inep, 2001.

\_\_\_\_\_. *Educação superior e modelos institucionais*. Seminário internacional de educação superior da comunidade de países de língua portuguesa. EDIPUCRS. 2009. Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/cplp/arquivos/morosini.pdf>. Acesso em: 07 set. 2011.

GATTI, Bernadete Angelina. *A construção da pesquisa em educação no Brasil*. Brasília: Líber Livro, 2007.

\_\_\_\_\_. Alternativas metodológicas para a pesquisa educacional: conhecimento e realidade. *Cadernos de pesquisa*. São Paulo, n. 40, fev. 1982. p. 03-14.

\_\_\_\_\_. Implicações e perspectivas da pesquisa educacional no Brasil contemporâneo. *Cadernos de pesquisa*. São Paulo, n. 113, jul. 2001. p. 65-81.

GEU. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/geu/home.php>. Acesso em: 04 fev. 2019.

GEU/UNEMAT/UFMT. Disponível em: <http://www2.unemat.br/geu/>. Acesso em: 29 jun. 2019.

GOERGEN, Pedro. A pesquisa educacional no Brasil: dificuldades, avanços e perspectivas. *Em Aberto*. Brasília: INEP, a. 5, n. 31, jul./set. 1986.

LARROSA, Jorge. *Experiência e alteridade em educação*. Reflexão e ação. Santa Cruz do Sul, v.19, n2, jul./dez. 2011. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2444/1898>>. Acesso em: 19 jan. 2019.

LEITE, Denise. Avaliação institucional participativa e a universidade socialmente empreendedora. *Avaliação*, v. 10, n. 1, mar. 2005. p. 51-69.

LIMA, Elizeth Gonzaga dos Santos de.; LEITE, Denise. Influências da avaliação no conhecimento produzido pelos pesquisadores em redes de pesquisa. LEITE, Denise; LIMA, Elizeth Gonzaga dos Santos de. (orgs). *Conhecimento, avaliação e redes de colaboração: produção e produtividade na universidade*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

MENEZES, Luis Carlos de. *Universidade sitiada: a ameaça da liquidação da universidade brasileira*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

MOCELIN, Daniel Gustavo; FRANCO, Maria Estela Dal Pai. Formação de grupos de pesquisa e prática de pesquisa em grupo. MOROSINI, Marília Costa (Org.). *Enciclopédia de pedagogia universitária: Glossário*. v. 2. Brasília: Inep/Mec, 2006.

MOROSINI, Marília Costa (Org.). *Enciclopédia de pedagogia universitária: Glossário*. v. 2. Brasília: Inep/Mec, 2006.

NEZ, Egeslaine de. *Em busca da consolidação da pesquisa e da pós-graduação numa universidade estadual: a construção de redes de pesquisa*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2014.

OLIVEIRA, Renilda Correa de. Educação superior, concepções e função social da universidade. In: V ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DE ALAGOAS, 2010. *Anais...* Universidade Federal de Alagoas, UFAL, 2010.

RAMOS, Maria das Graças. Pesquisa na universidade e espaços de produção: sinalizando caminhos. FRANCO, Maria Estela Dal Pai; LONGHI, Solange Maria; RAMOS, Maria das Graças. (Orgs.). *Universidade e pesquisa: espaços de produção do conhecimento*. Pelotas: UFPel, 2009.

REDE UNIVERSITAS. Disponível em: [http://www.redeuniversitas.com.br/p/rede-universitas\\_22.html](http://www.redeuniversitas.com.br/p/rede-universitas_22.html). Acesso em: 15 jun. 2019.



RIES. Disponível em: <http://www.pucrs.br/humanidades/ries/#historico>. Acesso em: 23 jun. 2019.

ROSSATO, Ricardo. História da educação superior. MOROSINI, Marília Costa (Org.). *Enciclopédia de pedagogia universitária: Glossário*. v. 2. Brasília: Inep/Mec, 2006.

SANTOS, Milton. *Natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: USP, 2006.

SAVIANI, Demerval. *Ensino público e algumas falas sobre universidade*. São Paulo: Cortez, 1984.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Expansão do ensino superior: contextos, desafios, possibilidades. *Avaliação*. Campinas, Sorocaba, v. 14, n. 2, p. 253-266, jul. 2009.  
SILVA, Richéle Timm dos Passos da. *Universidade e atividade da pesquisa: limites e possibilidades na potencialização da responsabilidade social e política*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/69928>.

SOUZA SANTOS Boaventura de. A universidade no século XXI: Para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. SOUSA SANTOS, Boaventura de; ALMEIDA FILHO, Naomar de. *A universidade no século XXI: para uma universidade nova*. Coimbra: S/E, 2008.

\_\_\_\_\_. *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. São Paulo: Boitempo, 2007.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes & formação profissional*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

TEIXEIRA, Anísio. *Educação e universidade*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

TORRES, Débora Isabel Ramos. *As redes universitárias e a cooperação acadêmica solidária através do Enlaces*. Disponível em: [http://www.iesalc.unesco.org.ve/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2362%3Alas-redes-universitarias-y-la-cooperacion-academica-solidaria-a-traves-del-enlaces&catid=126%3Anoticias-pagina-nueva&Itemid=712&lang=br](http://www.iesalc.unesco.org.ve/index.php?option=com_content&view=article&id=2362%3Alas-redes-universitarias-y-la-cooperacion-academica-solidaria-a-traves-del-enlaces&catid=126%3Anoticias-pagina-nueva&Itemid=712&lang=br). Acesso em: 03 nov. 2011.

## **SOBRE AS AUTORAS**

*Egeslaine de Nez* é doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pós-doutoranda e bolsista PNPd na PUCRS. Atualmente é professora da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Campus Universitário do Araguaia - Barra do Garças/MT. É líder do Grupo de Estudos sobre Universidade (GEU/Unemat/UFMT), Membro do Centro de Estudos de Educação Superior (CEES) e da Rede Sulbrasileira de Investigadores de Educação Superior (RIES).  
E-mail: [e.denez@yahoo.com.br](mailto:e.denez@yahoo.com.br)

*Luciane Spanhol Bordignon* fez doutorado Sanduiche no Instituto de Ciências Sociais pelo Instituto de Ciências Sociais - Universidade de Lisboa, e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio

Grande do Sul. É pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico (PPGDS) da UNESCO. Professora aposentada do Magistério Estadual do Rio Grande do Sul e docente na Universidade de Passo Fundo. É membro do Grupo de Estudos sobre Universidade da Universidade de Passo Fundo – GEU/UPF, e do Grupo de Pesquisa e Extensão em Políticas e Gestão da Educação da Universidade de Passo Fundo – GPEPGE/UPF.

E-mail: [lu.sbordignon@gmail.com](mailto:lu.sbordignon@gmail.com)

*Richéle Timm dos Passos da Silva* é Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, especialista em Psicopedagogia pela FASIPE (2008). Integra o Grupo de Estudos sobre Universidade da Universidade de Passo Fundo – GEU/UPF e o Grupo de Estudos “Ética pós-metafísica e teorias da justiça: as novas democracias e os desafios da educação para a justiça”.

E-mail: [richelertps@gmail.com](mailto:richelertps@gmail.com)

*Recebido em 30 de junho de 2019.  
Aprovado em 17 de dezembro de 2019.  
Publicado em 20 de dezembro de 2019.*